

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
<p><b>1. Inclusão</b></p>	<p><i>1.1. Domínio do conceito</i></p>	<p>“(…) que pretende exatamente, apenas necessidades educativas especiais?”</p> <p>“Não tem que ser necessariamente necessidades educativas especiais?”</p> <p>“Há aquela polémica de integração e inclusão... que não é muito fácil... (…).”</p> <p>“Neste momento estão completamente integrados na comunidade. Agora se a integração é plena, ou se alguma vez o conseguirá ser...”</p> <p>“Mas eles não têm que ser promovidos só porque têm deficiência.”</p> <p>“Eu acho que muita coisa boa já foi feita, mas não o suficiente para garantir uma inclusão. A integração se calhar está, a inclusão é que não sei, (…).”</p> <p>“É de evitar estarmos a comparar os meninos (...) mas pelo menos tentamos que eles tenham igualdade de acesso e tentamos promover no nosso plano de atividades, um conjunto de atividades, (...)que eles tenham acesso a um outro tipo de atividades que não têm usualmente no dia a dia.”</p>

	<p>1.2. <i>Público-alvo</i></p>	<p>“Nós na inclusão temos um público que eu acho diversificado...”</p> <p>“Temos crianças portadoras de deficiência que não são alunos de Unidade e têm problemas complicadíssimos, meninos com problemas de coluna, operados várias vezes, deslocam-se em cadeira de rodas. Também nos ajustámos, o espaço físico, a essa necessidade. Miúdos com cancro no cérebro, com HIV, uma série de circunstâncias e que fazem um percurso normal.”</p> <p>“Até uma dislexia pode e deve ser objeto de diferenciação.”</p> <p>“Em relação às dificuldades de aprendizagem temos definido um conjunto de medidas, desde o início do ano, que procuram precisamente ir ao encontro das dificuldades de cada um.”</p> <p>“Sabemos que os meios sócio económicos são muito diferenciadores, (...).</p>
	<p>1.3. <i>Compreensão das necessidades</i></p>	<p>“Há anos e anos que sentimos esta necessidade. Aqui em Rio Maior não há!”</p> <p>“Do ponto de vista estritamente social e financeiro nós temos uma rede de apoios, dentro da escola, suplemento alimentar e dar reforço alimentar aos alunos necessitados, que parecendo que não, faz com que tenhamos 7 mil, 8 mil refeições ingeridas pelos alunos. (...) Portanto são muitas as situações que concorrem para esse nosso trabalho.”</p> <p>“Aliás há aqui alunos que a discussão tem de levar-nos sempre para esse lado: quais são os cuidados que esses miúdos necessitam?”</p> <p>“Temos aqui um menino que é praticamente um vegetal, é alimentado por uma sonda, não se mexe, há sempre aquela interrogação se nós respondemos suficientemente bem às necessidades dele.”</p>

		<p>“(…) a escola neste momento tem de responder a inúmeras solicitações, eu já não sei qual é a missão da escola.”</p> <p>“(…) e a nossa ideia tem sido sempre essa de ir construindo consensos, ir percebendo as necessidades e responder às necessidades.”</p> <p>“(…) os nossos clientes são os alunos e as famílias e nós temos de olhar para eles. Mas estas famílias dos alunos são muito voláteis e nós temos que gerir as necessidades pontuais de cada um e aí ainda há um caminho a percorrer, e temos de fazer entender às pessoas que a necessidade é coletiva e não é individual e isso não é fácil.”</p> <p>“Nesse campo as pessoas que de facto têm a necessidade, são aquelas que procuram a resposta à solução e era muito preferível que as instituições se organizassem no sentido de perceber as necessidades de todos.”</p> <p>“(…) para se construir esse consenso, é importante vermos qual é o caminho que queremos fazer, o que é importante, quais são as nossas necessidades e eu julgo que esse caminho está a ser feito.”</p> <p>“Em relação aos nossos meninos está mais delineado, sabemos quais são as necessidades, não são é coletivas, estão a ser consumidas agora como coletivas.</p>
	<p>1.4. <i>Perspetiva sobre a inclusão</i></p>	<p>“(…) e depois há um conjunto de atividades que fazemos, ainda em relação à deficiência, que eles usufruem também em conjunto com os colegas.”</p> <p>“Temos muito o lema de sermos uma escola inclusiva, mas não é assim tanto como se julga.”</p>

		<p>“Temos normalmente atividades para sensibilizar as outras crianças para a importância de perceberem o quanto é importante estimular a diferença entre todos.”</p> <p>“(…), onde a igualdade não terá que ser o mesmo para todos, terá que se respeitar aquilo em que é diferente, mas perceber que temos que ajudar o outro. Esse tem sido o nosso trabalho.”</p> <p>“São tudo formas de promover a igualdade de acesso à aprendizagem.”</p> <p>“Nós, de qualquer forma, temos a preocupação de acompanhar os alunos para a resposta que as famílias e a escola considerarem mais adequadas.”</p> <p>“O sucesso para um aluno destes não é o mesmo que para um dos outros. Não é melhor nem pior, é diferente, apenas.”</p> <p>“Tem, moral, moral temos. Damos resposta aos outros temos de dar resposta a estes.”</p> <p>“É evidente que estes mais dependentes nós não podemos dizer que o trabalho vai tão longe quanto queríamos, nunca conseguirá ir.”</p> <p>“É um caso de sucesso, mas temos aí outros que não observamos tanto sucesso, mas também não saberíamos como era se não estivessem na escola.”</p> <p>“O que eu tenho a certeza é que a conviverem em ambientes diferentes, com os ditos “normais”, aprendem muito mais do que se só estivessem com pessoas com deficiência, com as suas limitações como eles. Crescem eles e crescem os outros, tenho consciência disso.”</p> <p>“São aluno que implicam um maior desgaste, porque para querermos, de facto que eles tenham a mesma igualdade de oportunidades que os outros temos de lhas proporcionar, (…).”</p>
--	--	--

		<p>“Se perdêssemos mais tempo a olhar para os miúdos, a olhar para as suas dificuldades de aprendizagem, analisar o que eles não aprendem e porque não aprendem, (...) existem tantas variáveis para isto e perceber o porquê, quais são as problemáticas inerentes à aprendizagem.”</p>
	<p>1.5. <i>Iniciativas de carácter inclusivo</i></p>	<p>“Por um lado o acompanhamento que é feito às pessoas com NEE de carácter permanente em que temos uma equipa de educação especial, temos as Unidades, uma de apoio à multideficiência, outra de ensino estruturado para os alunos com perturbação do espectro do autismo. O acompanhamento é feito em articulação com as estruturas e técnicos titulares da escola e do Cento de Educação Especial (CEE) O Ninho de Rio Maior.”</p> <p>“É feito também ao nível dos conselhos de turma, temos vindo a trabalhar nesse sentido (...)”</p> <p>“(...) este ano, pela primeira vez, vamos abrir o nosso OTL, com um apoio muito grande das nossas instituições, para o abrimos às nossas crianças das Unidades, irá começar agora no final das aulas (...). Este ano vamos um bocadinho mais longe e vamos abrir a oferta aos meninos das nossas Unidades que são 4.”</p> <p>“(...) alargámos o nosso OTL com a colaboração da escola de uma forma que me parece muito gira, o plano de atividades foi ajustado agora, vamos ver, os departamentos vão colaborar com as atividades e depois há uma preocupação especial com algumas coisas que possam alertar e despertar os outros alunos também para aspetos deles.”</p>

		<p>“Temos todos os períodos uma atividade que é muito centrada na promoção da pessoa com deficiência. Tivemos este ano a comemoração do “Dia da Pessoa portadora de Deficiência, onde veio cá o rancho do CEE “O Ninho”, a participação nas festas de final de período, nas jornadas culturais... (...)”</p> <p>“(…) e depois temos o acompanhamento diário. Este é feito baseado nos afectos, respeitando as suas diferenças (...)”</p> <p>“Temos um gabinete de apoio ao aluno que cada vez funciona melhor, temos as salas de estudo, temos sessões de preparação para provas, temos assessorias dentro da sala de aula.”</p> <p>“Depois temos estes acontecimentos que eu acho que são importantes para todos os alunos. São as aprendizagens informais, onde procuramos sempre que haja momentos específicos relativos à Educação Especial e à formação da pessoa com deficiência.”</p> <p>“Nós temos um projeto próprio de trabalho para a dislexia. Temos também clubes da educação especial.”</p> <p>“temos um [projecto], muito giro, de promoção do sucesso escolar, a “Turma Mais” que é uma forma de trabalharmos com diferenciação pedagógica. Este trabalho é feito do 5º ao 9º ano, em matemática e é feito na língua portuguesa no 1º ciclo. É uma intervenção dura, logo nos dois primeiros anos, em todas as horas que eles dão português, no 1º e 2º ano. (...) os miúdos acabavam por chumbar no 2º ano, não era por eles chumbarem que iriam saber muito mais e nós não estávamos a ser capazes que eles tivessem sucesso.”</p> <p>“Ainda recentemente participámos no “Mercadinho Romano” em que aparecemos lá com 120 romanos e estavam lá os nossos meninos com NEE, tal qual como os outros, no meio das suas turmas perfeitamente integrados.”</p>
--	--	--

		<p>“Temos uma quantidade de miúdos que acompanhamos desde o pré-escolar até ao 9º ano em que a oferta formativa abrange todos os possíveis perfis dos alunos. Nós temos desde cursos vocacionais, que seria muito mais tranquilo não os ter (...). Acabaram os cursos vocacionais, lá teremos de voltar aos CEFs, se conseguirmos. Limpámos o registo. Os vocacionais permitiam aos alunos com 13 anos e duas retenções, uma resposta diferenciada da universal e comum. Agora infelizmente para haver uma turma de educação e formação é preciso deixá-los ter insucesso, o que eu acho mau, têm de andar até aos 16 anos, que já é um pouco tardio.”</p>
<p><b>2. Balanço</b></p>	<p>2.1. <i>Evolução</i></p>	<p>“Não sei se não serão é mais visíveis.”</p> <p>“(…) pessoas portadoras de deficiência, elas têm uma visibilidade maior a partir do momento que passaram para as escolas, antigamente não tínhamos nada disto.”</p> <p>“Há uns tempos eram tratados como diferentes, tenho consciência disso.”</p> <p>“Sim, sim, no início do decreto foi uma luta muito grande. Tem sido uma aprendizagem.”</p> <p>“É uma caminhada em que precisamos de, todos juntos, nos envolver nestas causas.”</p> <p>“Eu penso que o balanço é positivo. Temos conseguido coisas importantes. (...) perdemos muito tempo a olhar para os pequenos problemas e não olhamos para as grandes conquistas que já fizemos, (...)”</p>

		<p>“(…) e as escolas também passaram todas por um período em que se olhou apenas para as pessoas que tinham problemas e esqueceu-se daqueles que precisavam de ser estimulados que também tinham os seus problemas. Preocupávamo-nos muito com as dificuldades de aprendizagem, a tal diferenciação pedagógica que, na prática, quase não existia, e reduzimos tudo ao estrato inferior. Em vez de puxarmos para cima todos, nivelávamos todos pelo mais baixo e isso não trouxe benefícios a ninguém.”</p>
	<p>2.2. <i>Constrangimentos</i></p>	<p>“Toda a gente espera respostas de todo o lado, mas muito pouca gente procura respostas. Nós sentimos isso agora, na organização do dito OTL, que é lógico que para a escola é muito mais confortável não o fazer.”</p> <p>“Há resistências ainda, há pessoas que ainda precisam fazer o seu caminho, (...)”.</p> <p>“(…) ainda alguma falta de abertura para algumas das necessidades. É muito bom dizer o que falta fazer mas depois predisporo-nos a fazer fica mais complicado.”</p> <p>“(…) algumas das medidas requerem recursos adicionais, aí as instituições não as têm. Essencialmente são estas duas.”</p> <p>“(…) mas as dificuldades também são muitas. (...) O não termos dinheiro para mandar cantar um cego, implica que nos temos que governar sem dinheiro. Costumo dizer aos colegas que com dinheiro toda a gente faz obra, o estranho é fazer obra sem dinheiro.”</p>

		<p>“Nestes casos, a resposta é um pouco ambígua, “fica aí”... [alunos com CEI].”</p> <p>“É o tal processo que “fica em avaliação”, é a tal questão. Nem sequer os dispositivos e as ferramentas administrativas do Ministério da educação estão preparadas para isto.”</p> <p>“A lei apresenta nuvens...”</p>
	<p>2.3. <i>Facilitadores</i></p>	<p>“A equipa de educação especial, isso deve-se muito ao trabalho deles, tem conquistado o seu espaço gradualmente.”</p> <p>“(…) mas a maioria da escola e da comunidade educativa está muito flexível, entende as necessidades e assume-as.”</p> <p>“Elas [equipa de educação especial] têm um trabalho que permite a sensibilização e que foi muito importante nestes últimos anos, mesmo muito importante e souberam conquistar o seu espaço e a adesão de pessoas.</p> <p>“Eu acho que o principal facilitador que nós temos aqui é o exemplo. (...) Exemplo daquilo que já conseguimos, do trabalho que já foi feito com os alunos e as competências que já conseguimos que eles desenvolvessem.”</p> <p>“(…) depois há uma rede de parcerias aqui em Rio Maior, que também facilita, o CEE o Ninho, a CLDS, a Câmara, a Associação de pais, a escola, uma rede bastante alargada, (...)”</p> <p>“Por exemplo, temos na escola, para a educação especial, a colaboração com a fundação PT, já decorreu um ano com 10 mil euros que foi um sucesso e temos agora um que já está aprovado, só não sabemos quanto é que eles vão dar.”</p>

	<p>2.4. <i>Pontos de melhoria</i></p>	<p>“(…) e o caminho maior que há para fazer aqui é na ligação dos Conselhos de Turma com a Equipa de Educação Especial. Já houve um grande percurso, já há um grande caminho feito, mas eu acho que, ainda há um pouco a sensação, (…)que a maior parte dos colegas ainda tem um bocadinho a ideia que “isto é com a Educação especial”, nada do que se compare com o que era há uns anos atrás, mas ainda existe essa ideia.”</p> <p>“O que não temos é mesmo dentro da sala de aula. A questão da diferenciação pedagógica é um “chavão”, em todas as escolas, mas são poucos os que a fazem bem.”</p>
<p><b>3. Instituição</b></p>	<p>3.1. <i>Elementos com responsabilidade direta na inclusão</i></p>	<p>“A subdiretora é responsável pela área da Educação especial, e depois tem a hierarquia em relação ao diretor, (…).”</p> <p>“Na linha hierárquica é professores [educação especial], coordenadora de departamento de educação especial, subdiretor, diretor.”</p>
	<p>3.2. <i>Avaliação e formação interna</i></p>	<p>“Temos também aqui a supervisão pedagógica que é a observação de prática diária, desprovida de qualquer intenção, apenas para reflexão, onde também entra a Educação especial. Formação interna, temos várias numa perspetiva abrangente.”</p> <p>“Tal como disse, estamos num sistema de formação quer interno quer com contributo externo que já tem sido motivo de análise de escolas periféricas daqui e essa é uma das questões. Nesse final de ano iremos ter uma formação só em diferenciação pedagógica e outra em articulação curricular.”</p>

		<p>“Ela vale o que vale, [formação inicial], se não houver contínua... ainda a semana passada saiu numa revista de economia que um dos fatores, ou mesmo o principal apontado para o bom desempenho de um docente é a formação contínua, muito mais do que o resto. E nós notamos que de facto, aqueles professores que se querem manter atualizados são muito bons, os que não querem ficam um pouquinho de lado, pena não quererem todos.”</p> <p>“(...) o grupo do observatório a nível de escola, produz um relatório anual com cento e poucas páginas, já com indicadores estatísticos.”</p>
<p><b>4. Comunidade</b></p>	<p>4.1. <i>Comunicação</i></p>	<p>“Nós usamos muito o facebook, acho que isso é notório. Usamos também a newsletter que é uma publicação virtual que nós temos. Depois temos o jornal periódico de cá e há algo que não podemos esquecer que é o “boca a boca”. É a melhor forma de difundir a informação.”</p> <p>“A informação vai-se difundindo de uma forma automática e já enraizada dentro do resto, não é preciso ser distinguida do todo.”</p> <p>“Sim, são sempre convidados, sempre [órgãos de poder local].”</p>
	<p>4.2. <i>Perceção</i></p>	<p>“Eu acho que o meio percebeu que a escola fez um caminho, mas as pessoas também não estão muito alerta, exceto aquelas que têm casos na família (...).”</p>

		<p>“Eu penso que a comunidade vê isso, todas as nossas atividades que fazemos são para todos, com as suas diferenças.”</p> <p>“Eu penso que esse caminho também tem vindo a ser feito e cada vez mais as pessoas se apercebem e têm conhecimento do que fazemos.”</p> <p>“É muito fácil de ver, por exemplo quando aparece um caso na Comissão de Proteção de Jovens, a escola que eles encaminham é a nossa, esse é logo um reflexo daquilo que me parece que é sintomático e que estamos a contribuir para uma missão que é a nossa.”</p>
--	--	---